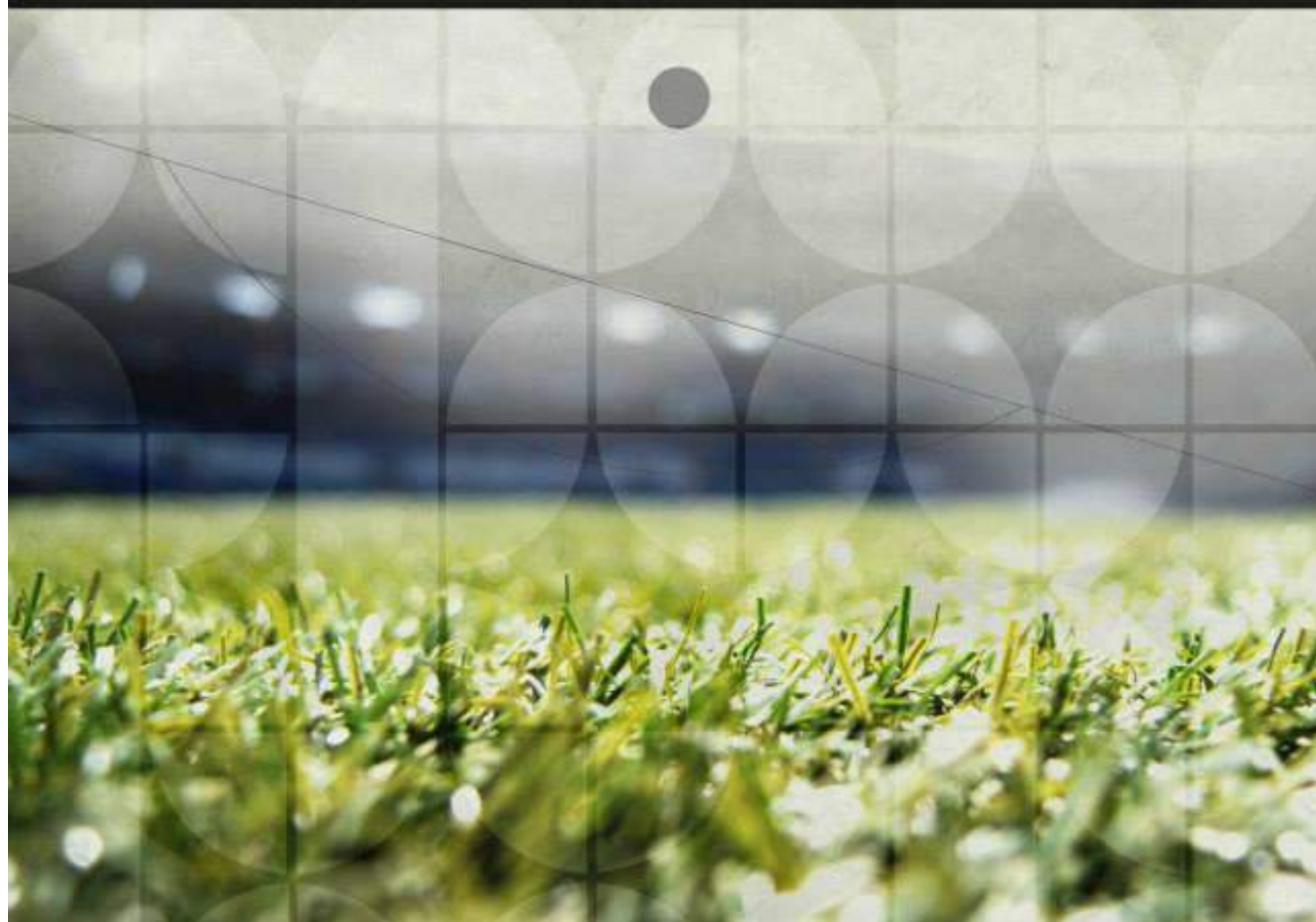
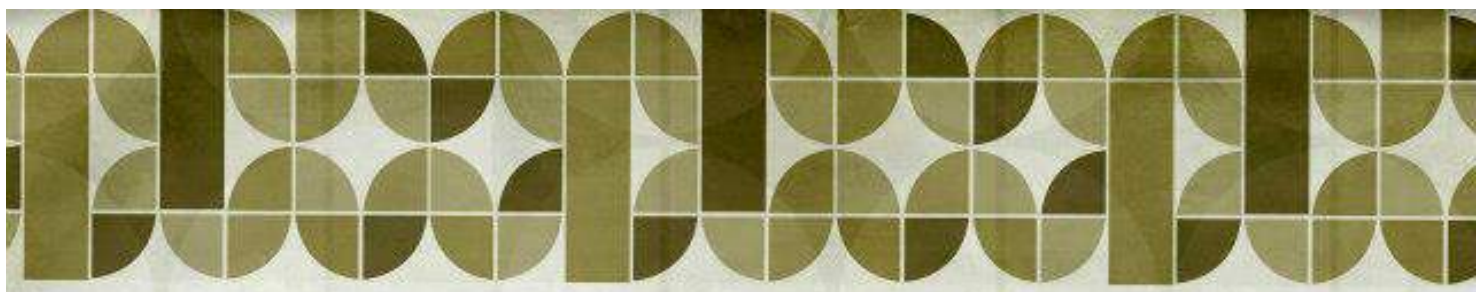




A Literatura nas Quatro Linhas:

O Futebol em Verso & Prosa





O futebol é uma experiência sensorial ampla, explora todos os sentidos, estimula os mais tênues sentimentos humanos. O futebol transita entre a realidade e a ficção em um piscar de olhos, caminha na construção do imaginário coletivo e ao mesmo tempo nas mais distantes memórias individuais. O futebol pode causar uma catarse de euforia e decepção, desde o mais simples ao mais letrado dos sujeitos. Assim, o futebol se caracteriza como mais uma arte, pois reúne em torno de si som, movimento, cor, volume, representação, palavra e imagem.

Portanto, nada mais instigante que pensar o futebol, esse fenômeno social e cultural, no campo da literatura. Essa outra arte que reúne por meio da linguagem os mais variados elementos artísticos e desenvolve aqui nessa exposição uma tabela saborosa com o futebol. Assim, nada mais prazeroso que propor uma dupla de ataque composta pelo futebol e a literatura, em uma peleja imaginária para falar dos elementos do mundo do futebol, que por vezes é o mundo do dia a dia. A literatura nas quatro linhas fala - em verso e prosa - do futebol, da derrota, da vitória, da torcida, do goleiro, do zagueiro, do atacante, do treinador, dos grandes craques, dos "pernas-de-pau", das vitórias épicas, das derrotas

amargas, dos estádios vazios e lotados, dos campos de várzea, do juiz ladrão e de outros elementos e personagens relevantes do futebol.

Assim, logo após a realização da Copa das Confederações de 2013, vencida pela seleção brasileira, projetamos nossos olhos e corações para a Copa do Mundo em 2014 que acontecerá no Brasil, nada melhor que falar de futebol. Esse esporte que transcende as quatro linhas do campo e as arquibancadas dos estádios e se confunde com as nossas identidades culturais. Por esse e outros motivos, expomos o futebol na literatura, e como temas referentes ao futebol compõem o nosso cotidiano, propondo uma reflexão das nossas memórias individuais e coletivas. Portanto, para trocar passes com os leitores, a Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais apresenta a exposição, "A Literatura nas quatro linhas: O Futebol em Verso & Prosa".

Agora, você, visitante, está escalado para bater uma bola com os trechos de livros destacados nesta exposição e perceber como o futebol pode ir além dos campinhos e estádios representados nas páginas dos livros. Sejam bem-vindos a essa peleja literária!

Thiago Carlos Costa



Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua,
futebol se joga na alma.

A bola é a mesma: forma sacra
para craques e pernas-de-pau.

Mesma a volúpia de chutar
na delirante copa-mundo
ou no árido espaço do morro.
São vôos de estátuas súbitas,
desenhos feéricos, bailados
de pés e troncos entrançados.

Instantes lúdicos: flutua
o jogador, gravado no ar
- afinal, o corpo triunfante
da triste lei da gravidade.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia errante.
In: DRUMMOND, Luiz Maurício Graña; DRUMMOND, Pedro
Augusto Graña. (Org.). **Quando é dia de futebol**. Rio de
Janeiro: Record, 2002. p. 21.

Foto: Banco de Imagens



FUTEBOL

Carlos Drummond de Andrade

EPÍLOGO

José Miguel Wisnik

Quando as figuras de Pelé, Garrincha, Ronaldo e Ronaldo Gaúcho, representantes da lenda do futebol brasileiro, provindos de um país que sempre equacionou mal as suas dificuldades e potências, são legíveis com nitidez nos mais remotos confins do planeta como uma promessa de felicidade que se cumpre, pensamos no “Emplasto Brás Cubas” de Machado de Assis: a pretendida panaceia que deveria curar a humanidade, mas que em vez disso causa ridiculamente a morte de seu inventor, antes mesmo que ele chegue a inventá-la. Não é difícil ler nesse episódio uma alusão irônica e corrosiva ao Brasil. Mas se o famoso drible em xis, de Pelé, sobre o goleiro do Uruguai, na Copa de 1970, nos remete ao xis da idéia fixa de Brás Cubas (“pendurou-se-me uma idéia fixa no cérebro. [...] Deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te”) ele realiza, em outra chave junto com os dribles e cabriolas de Garrincha, a quintessência do emplasto: o alívio da nossa melancólica humanidade (“essa idéia era nada

menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade”).

Para além do bem e do mal, o futebol brasileiro insiste, desafiadoramente e ironicamente, como o emplasto de Brás Cubas que deu certo. Quando os sinais legíveis do Brasil são interpretados no mundo como levemente inconsequentes no seu chamado prazer, ao mesmo tempo que o país, regido pelos frívolos e os graves – “as duas colunas máximas da opinião” –, se torna superficial e pesado, ele testemunha ainda, ou testemunhou, junto com a música popular, e não deslocado da literatura, uma das mais originais propostas do nosso esboço de civilização: a respiração fora do produtivismo sem trégua, a capacidade de comunicação entre lógicas múltiplas, e a leveza profunda.

WISNIK, José Miguel. Epílogo. In: _____. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.430



O SALTO

Anna Amélia C. de Mendonça¹

Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético,
Serenos, forte, audaz como um vulto da Iliada,
Todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético,
Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada.

Estremeci fitando esse teu porte estético
Como diante de Apolo estremecera a driada.
– Era um conjunto de arte esplendoroso e poético
– Enrêdo e inspiração para um helioconiada

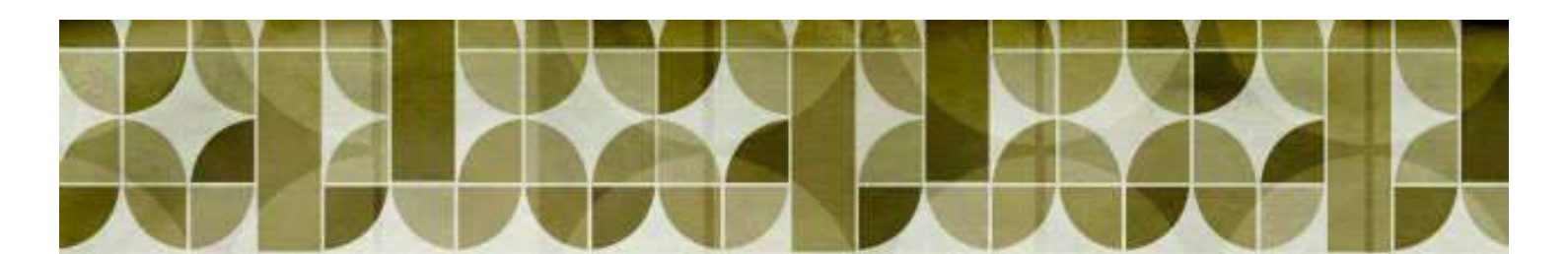
No cenário sem par de um pálido crepúsculo
– Tu te lançaste no ar, vibrando em cada músculo
Por entre as aclamações da massa entusiástica.

– Como um deus a baixar o Olimpo, airoso e lépido
Tocaste o solo, enfim, glorioso, ardente, intrépido,
Belo na perfeição grega e antiga plástica.

MENDONÇA, Anna Amélia C. de. O Salto. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Gol, 1967. p.109.

¹ Anna Amélia C. de Mendonça, poetisa, provavelmente a primeira mulher a inserir o tema do futebol na poesia, com o livro *Alma*, de 1922. Esse texto foi extraído desse livro, sendo uma provável homenagem ao seu marido, Marcos Carneiro de Mendonça, que foi primeiro goleiro da seleção brasileira e uma referência na sua posição.





Os sapatos que morrem têm o destino do boi, mas a meia fica na mão do menino. A meia acompanha o sapato, porém um dia abre um olho na pele e é então que o menino corre e pede à mãe que lhe conceda o último gosto.

Então o menino apenas com o barbante renova a meia e outra vez ela está ligada ao pé, agora sempre em movimento, mais livre, sentindo em si a múltipla escolha que há no jogo, a propriedade desfeita pela necessidade do menino se ligar aos outro pela brincadeira.

CASTRO, Luiz de Paiva de. A bola de meia. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Gol, 1967. p.122.



A BOLA DE MEIA

Luiz de Paiva de Castro

O ANJO DAS PERNAS TORTAS

Vinicius de Moraes

A um passo de Didi, Garrincha avança
Colado o couro nos pés, o olhar atento
Dribla um, dribla dois, depois descansa
Como medir o lance do momento.

Vem-lhe o pressentimento; ele se lança
Mais rápido que o próprio pensamento,
Dribla mais um, mais dois; a bola trança
Feliz, entre seus pés – um pé de vento!

Num só transporte, a multidão contrita
Em ato de morte se levanta e grita
Seu unísono canto de esperança.

Garrincha o anjo, escuta e atende: – Gooooool!
É pura imagem: um G que chuta um O
Dentro da meta, um L. É pura dança!

MORAIS, Vinicius de. O anjo das pernas tortas. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Gol, 1967. p.124.



Foto: Manchete
Livro: A Estrela Solitária. Um brasileiro chamado Garrincha. Ruy Castro



Foto: AJB
Livro: A Estrela Solitária. Um brasileiro chamado Garrincha. Ruy Castro



Foto: AJB
Livro: A Estrela Solitária. Um brasileiro chamado Garrincha. Ruy Castro

De todas as mulheres que existem no mundo, eu tinha de me apaixonar por uma juíza de futebol, pensava ele amargurado. A verdade, porém, é que ela tinha todas as qualidades possíveis e imagináveis: era linda, era simpática, era inteligente. Mas, acima de tudo – e isso em suas próprias palavras –, era juíza. E como juíza agia, inclusive na cama. Quando achava que ele estava sendo apressado, ou grosseiro, pegava o apito que estava sempre sobre a mesa de cabeceira e apitava: impedimento.

Impedido ele está quase sempre. Sua única esperança: um dia, engolfada pela paixão, ela esquecerá de apitar. E ele então marcará o grande gol de sua vida.

SCLIAR, Moacyr. Impedimento. **Revista Continuum Itaú Cultural**. São Paulo: n. 27, p.32, ago./set. 2010.



IMPEDIMENTO

Moacyr Scliar

VADICO

Edilberto Coutinho

Matou no peito, encheu o pé com vontade e, pimba, gol. Sim, diz o moço da televisão, ele foi um craque. Observem esta sequência, senhores telespectadores. Falta perigosa. Vadico toma distância. Uns poucos passos, apenas. Vejam só. Quando corria para a bola, a torcida fazia um coro de ôôôôôôô que terminava numa explosão de gol. Este jogo foi em Paris. Cartazes nas ruas anunciavam:

VÁ AO PARC DES PRINCES
VER PELÉ ET COMPAGNIE

Pelé e Companhia. Os companheiros. Bastavam Pelé e Vadico para pagar o espetáculo. Depois dos aplausos habituais ao rei Pelé, a multidão se divertia com os chutes de Vadico. Os franceses adoraram e consagraram Vadico. Est-ce que homme a cent pieds? O Cem Pés. Ai nasceu o apelido.

O Cem Pés, no filme, após esse jogo na França, exhibe as canelas cheias de cicatrizes. Denunciadoras, diz o locutor, da violência característica dos zagueiros que o enfrentavam.

O Cem Pés, um ídolo. Um gênio do futebol. Vadico, sendo entrevistado, diz que não senhor, não trocava essa vida com a bola por nenhuma outra. As cicatrizes? Ele as olhava, diz o locutor, como um prêmio amargo pelas tantas vezes

em que foi atingido.

Não havia de culpar a vida?

Mas eu nem tenho jeito pra contar uma história de forma organizada.

Bola pra frente. Na televisão, aquele moço:

Onde estão os ídolos do passado? Muitos, esquecidos, sós, abandonados. Como vivem? O que fazem? Fomos encontrar Vadico, o grande artilheiro que brilhou ao lado de Pelé, sentado num banco de parque, triste e só, aparentando pelo menos mais 20 anos além de sua idade real.

Enquanto a nova média esfria, estou vendo tudo de novo pelo televisor do bar. Repetem o filme sobre a carreira de Vadico. Sentei aqui e pedi a primeira média com pão e manteiga. Molhei o pão no café com leite e consumi logo tudo. Então, pedi uma segunda xícara. Sorvendo devagarinho. Agora já está meio fria. Mas não importa. Pedi mesmo para ter o direito, sem o portuga do garçom me aporrinhar, de permanecer no balcão mais tempo. Todo o tempo do programa.

COUTINHO, Edilberto. Vadico. In: ____, **Maracanã, adeus**: onze histórias de futebol. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p.37-38.

Foto: Carlos Namias / Pelé, 1974



O GOLEIRO IMORTAL

Nelson Rodrigues

Vocês se lembram do Pompéia e quem não se lembra de Pompéia? Goleiro do América, era um crioulo forte plástico, elástico, como um escravo núbio de Hollywood. Ah, o Pompéia não tinha nenhuma modéstia, nenhuma sobriedade. Era um feérico, um dramático, um dionisiaco. Posto debaixo dos três paus, amava o mergulho, o voo, e seu repertório de piruetas, saltos, pontes, não tinha fim. Fazia de cada defesa um ato circense.

E, no Brasil, tivemos toda uma antologia de goleiros igualmente possessos. Eu me lembro de Amado, Tuffy, Balthazar, Kuntz, Jaguaré, etc., etc., etc. Os citados são de um passado mais profundo. Em nossos dias há um Castilho, um Gilmar, um Manga. Dos antigos esqueci-me de lembrar de Batatais, goleiro imbatível no time e cercador de frangos no escrete. Mas todos, todos, tinham a semelhança no histrionismo, a vocação da pirueta linda e gratuita dos tremendos saltos mortais.

Como explicar que todos se pareçam e que exista entre todos, um nitido, um taxativo parentesco? A meu ver, o goleiro age e reage assim, em campo, porque é um solitário. [...] Os jogadores dependem uns dos outros e, por maior que seja o gênio de alguns, o fato é que

estão implicados numa equipe absorvente e niveladora. O goleiro, não: o goleiro é um solista. Na cobrança de um pênalti ele é o sujeito mais só do mundo, só como o morto na sua morte. Não tem nenhuma noção do esforço coletivo.

E me parece que a solidão explica o narcisismo dos goleiros. É uma vaidade de tenor italiano ou de primadona senil. Todas as defesas tem de ser mais enfeitadas, mais douradas que um altar barroco. Tudo que ele faz, na frente das redes precisa ter uma ênfase total. É uma Sarah Bernadth, a dar patadas e rugidos, antes de exalar o último suspiro.

RODRIGUES, Nelson. O goleiro imortal. In: PEDROSA, Milton (Org.). **O olho na bola**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p.123-125.

As palavras não são
bolas de futebol,
mas eu jogo com
as palavras como
se bolas elas fossem....
Futebolescas as palavras
se tornam bolas
para todos os acertos
de concordância ou sintaxe,
gramática jogando
com matemática quase.
Gol de pensamento
são as palavras no tempo,
ou no tempo de tempo,
ou no tempo de tempo,
são as palavras:
palavrasbolas paraboladas
jogando palavreadas

ARAÚJO, Eulajosé Dias de. Palavrasbolas. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/485>>. Acesso em: 20 maio 2013.

PALAVRA BOLAS

Eulajosé Dias de Araújo



Os visitantes, ou adversários, convidados para aquela partida amistosa do chamado “esporte bretão”, chegaram festivamente num caminhão ornado de arcos e guirlandas. Sim, no começo tudo são flores. Flores e palmas, discursos, garrafas de cerveja; e os cartolas, que se distinguem dos demais presentes pelos bonitos ternos domingueiros, gravatas, como convém a legítimos paredros¹.

Não havendo no campo instalações de vestiários, os craques descem do carro já devidamente uniformizados – camisa azul-turquesa, meias e chuteiras – sim, chuteiras regulamentares, que isso é jogo de fato e não pelada de moleques. Deficiências, se as há, é no campo propriamente dito, que seria ótimo se não sofresse de uma depressão bem no seu centro geométrico, exatamente onde se costuma riscar aquele grande círculo de giz. E como essa praça de esportes se situa numa baixada, sempre que chove apresenta o aspecto de um prato fundo cheio de água – e quando não é água é lama.

Naquele dia, felizmente, era apenas lama e pouca. E sob os aplausos da assistência, tanto mais animada porque gratuita (ainda é um problema a resolver, esse da assistência em campo aberto, sem possibilidade de bilheteria). Juiz, jogadores, cartolas, reúnem-se um pouco de lado, pois que os paredros estão de sapatos novos e aquela supracitada lama os assusta um pouco; faz-se os toss, os visitantes pegam o lado sul, que é o melhor, o presidente dos locais dá graciosamente o primeiro chute. Começou a partida!

QUEIROZ, Rachel de. Amistoso. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Edlouro, 2006. p. 47-49.

¹ Dirigente ou Dono de time de futebol, o popular “Cartola”.



Ilustração: Rodrigo Almeida

AMISTOSO

Rachel de Queiroz

Gol!

Uma bola adormece no trançado de nylon. Gente vestindo um tipo de camisa pula, grita, chora. Outro tipo de gente, outra camisa, mil pessoas repetem no coro impressionante do delírio: Gol! Gol! É um momento de agonia, misto de glória e decepção no eterno conflito das paixões humanas. Foi gol, como poderia ter sido o grito de vingança, a explosão do recalque reprimido, o manso prazer do momento de paz.

Ou a conquista da mulher amada.

Gol rasteiro. Gol de curva. Gol de raça. Gol de cabeça.

A bola pode entrar rastejando. Ou pelo alto, no voo irresistível de um foguete. O gol não tem regras de perfeição. É uma conquista que precisa ser feita na presença de milhares, para desejo de milhões.

A essência do futebol está no gol. É mais do que objetivo do jogo: é uma filosofia de comportamento. Através do gol buscamos a

felicidade transportada, a realização do sonho de conquista inerente ao homem, esse desabafo de frustrações subconscientes que se acumulam em sua intimidade.

Quanto vale um gol?

Sua cotação é semanal. Em cruzeiros, libra, peseta, mais recentemente em dólar, ela oscila em função do que o gol produz. Se é uma vitória, tanto. Se é um título, mais tanto. Toda uma enorme e esmagadora máquina profissionalista depende do gol. Famílias inteiras subordinam alegrias e tristezas às bolas que, numa incrível ausência de ruído, vão se acumulando dentro das redes. A bola não zumba. Seu eco se abafa nos fios trançados em volta das traves. Mas cada vez que um braço aponta para o centro do campo, ouvem-se as moedas entrecrocando seus sons de riqueza. Notável o mundo do futebol. Extraordinário o simbolismo do gol.

CHIROL, Achilles. O Gol. PEDROSA, Milton (Org.). **O olho na Bola**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p. 21-24.



Foto: Rodolpho Machado / Fla x Fla, 1980.



Foto: Barro de Imagens

O GOL

Achiles Chiol

A DERROTA

Fernando Sabino

Estávamos em pleno domínio da loucura. Precisávamos de três gols? Pois olha a multidão frenética invadindo o campo em perseguição de Pelé, para carregá-lo nos ombros, jogá-lo para o ar, estraçalhá-lo, levando cada qual um pedaço como lembrança dessa noite única de todas: o crioulo genial fazendo nada menos que vinte gols!

– Vinte gols?! Positivamente você endoidou de todo.

Não tem importância: combateremos à sombra. Nenhum computador era capaz de calcular o então gol-havelange, pelo o qual o Brasil poderia se classificar ou dizer adeus à Copa. Todas as forças eram convocadas: as forças ocultas que continuam comandando o destino da nação; as forças superiores do bem e do mal; as forças mediúnicas; as forças esotéricas que ordenam a precipitação louca dos fatos, as forças da umbanda, da macumba, da cabala, e dos abantesmas¹ britânicos, e das potestades divinas, e do astral superior. Olhos de visionário perscrutavam o futuro, tentando descobrir o resultado convertido em números, ao soar o apito fatal do juiz: um triunfo esmagador? uma vitória espetacular? Nada disso, tetrarca: os três gols mais lindos que as três mulheres do sabonete Araxá.

Alguém, do outro lado do mundo, me informa que estou sonhando, o jogo já houve, o destino do futebol brasileiro está decidido. Derrotados! Portugal, nosso paizinho querido, as três caravelas de Pedro Álvares Cabral. Depois outras caravelas trazendo em seu ventre a carga negra que, ao longo dos séculos, conceberia aquele a quem o Brasil entregou a esperança de três gols.

E na porta da venda, Tutu Caramujo medita na derrota incomparável.

Procuero esquecero jogo, afastar o pensamento

– deixo pender a cabeça, fecho os olhos. Não tenho preparo físico para jogar tanto futebol na imaginação. O melhor é falar de outras coisas – do tempo, por exemplo, que em Londres voltou a ser quase do inverno, com uma chuvinha miúda e um vento frio a expulsar de vez os brasileiros em bandos desarvorados pelas ruas. Alguns querem voltar imediatamente, a todo custo. Outros se deixarão ficar por aí, curtindo a mágoa da derrota. Insistem nas compras, querem levar uma recordação da cidade, uma lembrança da amargura aqui sofrida:

– Uma lembrança de Londres – insiste uma senhora. – Um daqueles copos com a inscrição "Lembrança de Londres". Onde posso encontrar?

Sandro Moreira, chateado:

– Em Caxambu, minha senhora.

Os ingleses ainda tem a ousadia de nos sair cumprimentando pelo excelente futebol que lhes proporcionamos. Excelente para suas negras, retruca um torcedor mal humorado, sem ao menos pensar em traduzir o que eles jamais entenderiam, ou seja: que toda uma era de grandes campeões ali se encerrava. Ia-se para sempre a época em que o futebol do Brasil era a alegria do povo. Deixavam o gramado e se recolhiam ao vestiário alguns vultos cabisbaixos, de camisa amarela, como sombras que evocavam outras sombras: as de Nilton Santos, Didi, Garrincha dos velhos tempos. Findava-se para sempre a glória dos reis do futebol – eram apenas os homens ocios do poeta que se recolhiam ao esquecimento. E não com um estrondo, mas com um gemido.

SABINO, Fernando. A derrota. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Gol, 1967. p.155-156.

¹ Significa fantasma, espectro, assombração

MEMÓRIAS DE UMA BOLA DE FUTEBOL

Renato Pompeu

Eu, bola de futebol, tenho, desde eras imemoriais, ligações com os pés dos seres humanos. Dizem que os seres humanos se distinguem dos outros animais por terem mãos. E que o constante manuseio, pelos seres humanos, de coisas primeiro, depois objetos e enfim artefatos, fez desenvolver-lhes o cérebro. Ou, mais exatamente, o neocórtex, o cérebro especificamente humano que se sobrepõe ao compartilhado com os mamíferos, ambos superpostos ao cérebro compartilhado com os demais vertebrados. Porém a verdade é que mais de 90 por cento da atividade cerebral se refere à manutenção da postura ereta, ao menos no comportamento moral, não existe humanidade. E a postura ereta se apoia, é claro, sobre os pés.

Deste modo, eu, como bola de futebol, ao me restringir aos pés e ao me proibir para as mãos, eu é que estou homenageando especificamente a humanidade desse antigo primata.

[...] De todo modo, não me proíbo totalmente às mãos. E não é só o goleiro que pode me manipular: qualquer jogador, no arremesso lateral, me pode até mesmo agarrar por tempo indefinido. Como bola de futebol, no entanto, a minha preferência é pelos pés. É também a preferência dos crentes: existe, há séculos e séculos, o lava-pés. Não existe, e nunca existiu, nenhum lava-mãos, a não ser o do procônsul romano na Palestina, Pôncio Pilatos.

Agora o fato é que, como bola, e não sei por qual razão, sempre me senti mulher, ou melhor, uma divindade fêmea.

POMPEU, Renato. **Memórias de uma bola de futebol**. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 9-27.

Foto: Banco de Imagens



Paulinho (seis anos) está na maior felicidade deste mundo: pela primeira vez na vida ele vai hoje ao Maracanã. Vai hoje, com o pai, ver o futebol de estádio grande.

Festejamos em Paulinho um sopro de vida que remoça o Maracanã, no ano dos seus vinte anos. Esse é o glorioso destino do grande estádio: cada menino que chega é grama nova que floresce no campo.

Cada menino que chega, alento fresco no grito doce-aflito da multidão.

Se Paulinho pudesse me ouvir, eu contaria a ele, hoje, a história dos vinte anos do Maracanã. Repetiria o que eu já andei contando em escrito, sobre essa gigantesca panela de pressão – para usar uma feliz imagem de meu velho amigo Milton Santos.

Em vinte anos de comunhão esportiva, o Maracanã já viveu em níveis profundos, todas as emoções que o futebol é capaz de provocar na multidão. O Maracanã já foi até cova rasa de um sonho nacional, quando o Brasil perdeu para o Uruguai a Taça do Mundo de 1950.

Testemunha da amarga tarde de 17 de junho, guardo bem na memória dos olhos a visão da arquibancada imensa toda coberta de cinzas – as cinzas do jornal queimado no fogo da esperança morta.

Ah, se eu pudesse recompor, para o menino que chega, os melhores momentos do Maracanã: quanta mágoa ali convertida em riso pela simples abstração de um gol! Tanta gente sem endereço ali já teve seu momento de herói e semideus projetando a própria alma no gesto de seu ídolo.

Quem me dera recriar para o menino que está descobrindo o Maracanã aquele drible que

Garrincha esculpiu no vento, ao longo do campo.

Se não for pedir muito, menino-que-chega, pede ao pai cadeira especial: a porta do elevador se abre para o abismo da multidão que canta, aos palavrões, a própria infância perdida.

A cena assusta, mas não ofende, pois o coral do futebol conseguiu o milagre de purificar até os sons de um palavrão.

Vive-se no Maracanã, à maneira moderna, o fenômeno da santificação coletiva que os gregos iam buscar no teatro.

Chegue para ficar, menino-que-chega. Um dia, você verá o espetáculo inesquecível que é o Maracanã em tarde de Flamengo: milhares de bandeiras em festa, fechando o cerco das arquibancadas. As bandeiras maiores se alongam, femininas, até o campo, querendo enlaçar o herói do gol para entregá-lo, morto de beijos, ao abraço triunfal da multidão.

E a multidão põe-se a cantar que “tá chegando a hora”: a hora de rir e de chorar, hora de viver a vitória que lá fora a vida negou-lhe a semana inteira.

Chegue para ficar, menino que chega, porque é aqui que está a bola - a bola da minha, da tua, da nossa infância; e aqui está a bola branca que, rolando, descobre o céu: brinquedo mágico, forma perfeita, circular, forma divina.

Deus é esférico.

NOGUEIRA, Armando. Menino-que-chega. In: PROENÇA, Ivan Cavalcanti (Org.). **Futebol e Palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 44-45.

MENINO-QUE-CHEGA

Armando Nogueira



O GOL

Ferreira Gullar

A esfera desce
do espaço
veloz
ele a apara
no peito
e a para
no ar
depois
com o joelho
a dispõe à meia altura
onde
iluminada
a esfera
espera
o chute que
num relâmpago
a dispara
na direção
do nosso
coração.

GULLAR, Ferreira. Gol. In: LIMA, João Gabriel de (Org.). **Especial Bravo!** Literatura & Futebol. São Paulo: Abril, 2010, p. 30-31.



Ilustração: Rodrigo Almeida

Os dois velhos amigos desde meses que não se encontravam. Exerciam profissões diversas, em lugares afastados da cidade. Um, Felisberto, era médico de um posto de profilaxia rural, pelas bandas de Santa Cruz; e o outro, o Teodoro, estava encarregado, como engenheiro, dos mananciais da Gávea e do Jardim Botânico. Moravam nos arredores das suas repartições e raramente, desciam à cidade, a não ser para receber, no Tesouro, nos começos do mês, os vencimentos de seus cargos.

Eram dois filósofos a seu modo que nada perturbava. Revoltas, exposições, discursivas, fogos de artifícios – tudo isso os deixava frios. Uma coisa, porém, estava sempre a preocupá-los: a educação dos filhos. Nenhum dos dois foi feliz com eles. Felisberto, além dos outros, tinha o mais velho, Samuel, que não dera para nada. Tudo estudara e nada aprendera. A sua mania era o tal do football. O pai lutou em vão para que metesse no bestunto algumas noções com que ele pudesse ser, ao menos, amanuense. Era inútil. Desde de manhã até à noite, não fazia outra coisa senão dar pontapés na bola, discutir corners e o mérito dos rivais. Não ganhava dinheiro; mas, graças à mãe e outros arranjos, tinha-o sempre na algibeira.

O filho mais velho de Teodoro, se não era dado a brutalidades esportivas, não possuía iniciativa de coisa alguma. Formara-se em direito e o pai foi quem lhe arranhou um emprego de guarda

no cais do porto, apesar de anel e tudo.

Há anos, tendo, por acaso, se encontrado os dois velhos amigos, Felisberto perguntou-lhe o que fizera do seu filho mais velho formado em direito.

– O que fiz? Fi-lo guarda do cais do porto!

– Como? Um bacharel?

– Por certo.

– Pois o meu, por não dar pra nada, deixei-o no football.

Como dizia acima, esses dois velhos amigos não se encontravam, há muito tempo, talvez desde que tiveram a conversa acima.

Há dias, eles se vieram a encontrar e foi uma efusão de velhos camaradas que se falaram.

– Então, Teodoro, teu filho do cais do porto ainda continua lá?

– Continua; por sinal já é escrevente; e o teu?

– Ah! Não sabes?

– Que houve?

– Vai receber cinquenta contos; é um herói nacional.

– Homem?

– Venceu o Campeonato Sul-Americano de Football, com o team nacional. E dizer que ele não dava para nada!

BARRETO, Lima. Herói! In: PEDROSA, Milton (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Gol, 1967. p.61-62.



HERÓI!

Lima Barreto

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo do fim de século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. Ninguém ganha nada com essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como o menino que brinca com o balão de gás e como o gato brinca com o novelo de lã: bailarino que dança com uma bola leve como o balão que sobe ao ar e novelo que roda jogando, sem saber que joga sem motivo, sem relógio e sem juiz.

O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo, se tornou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia.

Por sorte ainda aparece nos campos, embora muito de vez em quando, algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade.

BIGODE
GALEANO, Eduardo. O Futebol. In: _____
Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: L & PM, 2010. p.10.

Correio da Manhã/ Arquivo Nacional

O FUTEBOL

Eduardo Galeano

O QUE REALMENTE ACONTECEU¹

Luis Fernando Verissimo

Para encerrar de uma vez por todas a questão, eis o que realmente aconteceu no domingo, 12 de julho, antes de o Brasil entrar em campo para decidir a Copa do Mundo. Todas as outras versões dos fatos são incorretas ou fantasiosas.

11h – Os jogadores acordam normalmente, como todos os dias. Dunga vai ao quarto de cada um e o derruba da cama.

11h15 – Zagallo convoca uma reunião para tratar da estratégia que usarão contra a Noruega. Ninguém lhe dá atenção. Zico lembra a Zagallo que o jogo será contra a França.

11h30 – Café da manhã. Todos parecem descontraídos. Há a habitual guerra de coalhada, vencida por Roberto Carlos. Dunga pede voluntários para limpar uma clareira atrás da concentração de pedras e tocos de árvores, mas acaba sozinho. Ronaldinho recebe um telefonema da Adidas, dizendo que sequestrou a Suzana Werner. Zagallo volta para a cama.

12h – Almoço. Todos estranham a mudança do pessoal da cozinha, e do

menu. As suspeitas crescem quando um dos escargots servidos ao Ronaldinho tenta fugir do prato mas cai, com evidentes sinais de envenenamento, antes de chegar muito longe. O escargot é atendido pelo Dr. Lídio, que diagnostica estresse e autoriza a sua volta para o prato de Ronaldinho.

13h – Descanso. Os jogadores vão para os seus quartos, ignorando uma convocação de Zagallo para estudar tapes dos últimos jogos da Croácia, para não serem surpreendidos. Júnior Baiano pede um dos livros de Leonardo emprestado e pergunta se o Schopenhauer é com figurinha. Isto parece afetar estranhamente Ronaldinho, que tenta esgoelar Roberto Carlos. Ninguém intervém e alguns até o incentivam. Ronaldinho só para com a chegada de Ricardo Teixeira com notícia de que a Nike comprou a CBF, pretende redimensioná-la, investindo em outras áreas, e quer perder a Copa para sinalizar ao mercado que está abandonando o futebol.

Continua...

VERISSIMO, Luis Fernando. O que realmente aconteceu. In: _____ **A eterna privação do zagueiro absoluto.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. p.104-106.

¹ Trecho do texto original.

BOLA NA MARCA

Roberto Drummond

"A razão antes do coração."

Sei que na vida é bem difícil, no futebol ou na vida, seguir o mandamento de Ernest Hemingway. Ainda mais se o amor nasceu quando menos esperávamos, num grito de gol que cantou dentro de nós e nos disse viver é bom. Talvez, sem saber, eu procurasse um time naquela época. Então, uma tarde, a voz do locutor Paulo Nunes Vieira chegou a Guanhães pelo Rádio RCAVictor.

"Vai ser gol – falou Paulo Nunes, quando a bola foi a Mário Souza – Vai ser gol".

E foi – gol do Atlético contra o Cruzeiro. Se me perguntarem, agora, porque gosto do Atlético é bem possível que nem saiba explicar. Mas o gol de Mário de Souza tinha raiz, e o Atlético cresceu comigo. Admito que um homem possa mudar de tudo na vida – do cigarro que fuma, do seu partido político, da sua religião. Até de amor, um homem pode mudar. Mas se alguém troca de time – o Atlético pelo Cruzeiro, o Cruzeiro pelo América – acho que é grave e feio, amoral até.

Portanto, continuo a torcer pelo Atlético, e mais a amar o Atlético.

Só que, como cronista, sempre tentei pôr "a razão antes do coração". Nem sempre consegui. Mais do que sempre, no entanto, vou tentar novamente.

Ao torcedor quase tudo é permitido ou, pelo menos, entendido. Xingar o juiz, quando o juiz está certo, achar Cincunegui um péssimo jogador. Exigir a convocação do Vanderlei, o lateral esquerdo, para a seleção. Mas, a meu ver o cronista deve ficar distante da paixão se não quiser ficar cego, e por isso desacreditado.

Precisamos não de dois grandes times, como Atlético e Cruzeiro, e, sim, de, pelo menos, cinco. Sem isso, o futebol de Minas será apaixonado, mas fraco.

DRUMMOND, Roberto. **Uma paixão em preto e branco: Atlético**

100 anos. Belo Horizonte: Leitura, 2007. p. 9-10.



Ilustração: Rodrigo Almeida

ARMANDO NOGUEIRA, FUTEBOL E EU, COITADA¹

Clarice Lispector

Deixe eu lhe contar minhas relações com futebol, que justificam o coitada do título. Sou Botafogo, o que já começa por ser um pequeno drama que não torno maior porque sempre procuro reter, como as rédeas de um cavalo, minha tendência ao excessivo. É o seguinte: não me é fácil tomar partido em futebol – mas como poderia eu me isentar a tal ponto da vida do Brasil? – porque tenho um filho Botafogo e outro Flamengo. E sinto que estou traindo o filho Flamengo. Embora a culpa não seja toda minha, e aí vem uma queixa contra meu filho: ele também era Botafogo, e sem mais nem menos, só para agradar o pai, resolveu passar para o Flamengo. Já então era tarde demais para eu resolver, mesmo com esforço, não ser de nenhum partido: eu tinha me dado toda ao Botafogo, inclusive dado a ele minha ignorância apaixonada por futebol. Digo “ignorância apaixonada” porque sinto que eu poderia vir um dia apaixonadamente a entender de futebol.

E agora vou contar o pior: fora as vezes que vi por televisão, só assisti a um jogo de futebol na vida, quero dizer, de corpo presente. Sinto que isso é tão errado como se eu fosse uma brasileira errada.

Não, não imagine que vou dizer que futebol é um verdadeiro balé. Lembro-me foi uma luta entre vida e morte, como de gladiadores. E eu – provavelmente coitada de novo – tinha a impressão de que a luta só não saía das regras do jogo e se tornava sangrenta porque um juiz vigiava, não deixava, e mandaria para fora de campo quem como eu faria se jogasse (!). Bem, por mais amor que eu tivesse por futebol, jamais me ocorreria jogar... ia preferir balé mesmo. Mas futebol parecer-se com balé? O futebol tem uma beleza própria de movimentos que não precisa de comparações.

Quanto a assistir por televisão, meu filho botafoguense assiste comigo. E quando faço perguntas, provavelmente bem tolas como leiga que sou, ele responde com uma mistura de impaciência impiedosa que se transforma depois em paciência quase mal controlada, e alguma ternura pela mãe que, se sabe outras, é obrigada a valer-se do filho para essas lições. Também ele responde bem rápido, para não perder os lances do jogo. E se continuo de vez em quando a perguntar, termina dizendo embora sem cólera: ah, mamãe, você não entende mesmo disso, não adianta.



Ilustração: Rodrigo Almeida

LISPECTOR, Clarice. Armando Nogueira, futebol e eu, coitada.
In: LIMA, João Gabriel de (Org.). **Especial Bravo!** Literatura & Futebol. São Paulo: Abril, 2010. p. 105-107.

¹ Trecho do texto original.

PARA SABER MAIS

CARNEIRO, Flávio. **Passé de Letra: futebol e literatura.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COSTA, Flávio Moreira da (Org.). **Onze em campo e um banco de primeira.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORAES NETO, Geneton (Org.). **Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MORAES, Mario de. **Futebol é arte: depoimentos de Domingos da Guia, Zizinho e Pelé.** Rio de Janeiro: MIS Editorial, 2002.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Pelé: a autobiografia.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô; MUYLAERT, Roberto. **A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota.** Porto Alegre: L&PM, 2002.

RAMOS, Ricardo. **A palavra é... futebol.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida.** Rio de Janeiro: Gryphius, 1998.

SCLIAR, Moacyr. **A colina dos suspiros.** São Paulo: Moderna, 1999.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mario Filho.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

TORERO, José Roberto. **Uma história de futebol.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VERISSIMO, Luis Fernando... [et.al.]; João Gabriel de Lima (Org.). **Livro Bravo! Literatura e futebol.** São Paulo: Abril, 2010.

XAVIER, Beto. **Futebol no país da música.** São Paulo: Panda Books, 2009.

FICHA TÉCNICA

ALBERTO PINTO COELHO

Governador do Estado de Minas Gerais

ELIANE PARREIRAS

Secretária de Estado de Cultura

MARIA OLÍVIA DE CASTRO

Secretária Adjunta de Estado de Cultura

CATIARA OLIVEIRA MELLO AFONSO

Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

MARINA NOGUEIRA FERRAZ

Diretora do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais

EXPOSIÇÃO LITERÁRIA ITINERANTE

THIAGO CARLOS COSTA

Curadoria

FERNANDA CAMAS / FERNANDA PENA

Projeto Gráfico

RODRIGO ALMEIDA

Ilustração